

## **APROFUNDAMENTO – 12. «PASSOS DE EXPERIÊNCIA CRISTÃ»**

*Perguntamos há algumas semanas: «Em que circunstâncias você se sentiu realmente amado?». Comparamos as nossas experiências com esta afirmação de Dom Giussani: «O homem realmente não está mais sozinho [...]. A existência é um diálogo profundo, a solidão é abolida, a partir das raízes, de todos os momentos da vida. Existir é ser amado, definitivamente – “Ele é fiel ao Seu amor” – e abandonar-se a este amor, definitivamente: “Para mim, o viver é Cristo”» (Passos de experiência cristã – ficha 12).*

*Uma amiga nossa, que rodou pelo mundo, também teve de se render: «Se de algum jeito penso em alguém de quem posso dizer que me sinto amada, penso em vocês. [...] Todo dia me levanto pedindo para ver que Ele não me deixa sozinha. Não posso afirmar que estou sozinha».*

*A nossa companhia, para você, é um presente tão grande que abole a solidão na raiz? Ou é só um lugar onde nos confortamos de vez em quando, onde nos sentimos melhores? Onde o que nos aquece não é o fogo, mas o nosso estarmos juntos? Para dizer com Pascoli: «Estão no calor; e não é o fogo que os esquentam, mas aquele suave estarem juntos» (G. Pascoli, *Il focolare*, V).*

«Fui embora para a Índia para viver uma filosofia famosa. Decidi ir para lá achando que encontraria a felicidade. Mas nada. Foi uma decepção constante. Constante. Achei que saberiam explicar melhor quem sou, por que estou sempre com uma espécie de nó em mim. E nada. A coisa curiosa é que todo dia eu tentava esquecer o que tinha me acontecido, mas as primeiras pessoas em quem pensava quando acordava de manhã eram as de CL que eu tinha encontrado (você, Anita, Gio, Javi, Marti, Emi, pe. Carrón). Eu me esforçava para apagar esses pensamentos, mas eram sempre a primeira coisa que pulava na minha mente quando eu abria os olhos. Depois decidi ir para Londres. Mas se passou a mesma coisa. O tempo todo com esse nó em mim, que não desaparecia de jeito nenhum. Saí com vários garotos, e nada. Quando ficava com outros garotos eu só pensava em Gio», um garoto que ela tinha encontrado aqui na Itália e com quem tinha começado um relacionamento, «em como ele me queria bem, em como tinha me tratado, em como eu me sentia a pessoa mais preciosa do mundo estando com ele, e em como ele olhou para cada particular de mim de um jeito completamente diferente. Assim, uma vez que Gio veio a Londres, eu lhe disse que queria voltar com ele» – de fato, ela também tinha fugido dele –, «mas ele me disse que não, pois estava para consagrar a sua vida a Deus. Justamente o último período, quando ele estava vivendo essa relação tão exclusiva com Deus, tinha sido aquele em que ele me amou mais do que nunca. O que ele está vivendo deve ser algo muito real para tê-lo mudado assim, mesmo se eu não o entendo. Depois desse período londrino, minha mãe me pediu expressamente que não entrasse mais em contato, porque não conseguia encarar a dor de não ter mais o meu pai» – que tinha morrido alguns anos antes –, «e não podia ter ninguém como eu que a lembrasse tanto dele. Às vezes a dor me cega de tal forma, que não consigo dizer que em algum lugar haja alguém que me acolhe. [...] Há algo que não posso negar e que continua me parecendo incrível. Se de algum jeito penso em alguém de quem posso dizer que me sinto amada, penso em vocês. Lembro que no começo de toda a minha história, quando lia as coisas que Jesus dizia e fazia, não as sentia estranhas; eu escutava, via pessoas que eram como Ele, que falavam como Ele, que tratavam as pessoas ao redor como Ele as tratava. Esta é a única coisa diferente que vocês têm em comparação com todas as outras pessoas. »

» E começo a me dar conta agora de que em vocês não há nada de diferente em comparação com o resto do mundo, a não ser o encontro com Cristo! E quanto mais me pergunto por que vocês fazem as coisas, mais tenho de reconhecer tudo o que fazem como ligado à relação com Ele. Por que você [Nacho] escolheria não se casar, não ter filhos? De qualquer outra pessoa eu poderia pensar que está louco, mas você não é burro. É nestes fatos que Cristo se aproxima de mim mais uma vez, é aí que vejo que Ele não pode ser uma invenção, uma mentira, mesmo se eu duvidar mil vezes disso. Esses são os fatos que não me deixam perder a esperança. Todo dia me levanto pedindo para ver que Ele não me deixa sozinha. Não posso afirmar que estou sozinha. Não posso. Dizer a verdade me surpreende. Cristo devia ser como vocês, uma pessoa que ajudava os outros a se entender, a olhar o fundo do próprio coração e a entender quem eram: alguém estava perdido e, quando cruzava com ele, reencontrava a si mesmo. Assim como aconteceu comigo quando conheci vocês: me entendo, me conheço mais, antes estava como que morta. Eu não posso negar que fui olhada e tratada como Cristo tratava e olhava as pessoas, como o pequeno Zaqueu, um cara que não valia nada, como eu. O fato é que a única coisa – a única – que todas essas pessoas têm em comum é que todas – todas! – têm uma relação pessoal e cotidiana com Cristo. Eu me dei conta de outra coisa. Há um pequeno ponto que depende de mim; parece nada, mas é tudo: reconhecer tudo isto que lhe disse. A minha pessoa se joga na decisão de confiar que tudo isto é por Cristo ou pensar que é simplesmente por um acaso que todas as pessoas com essas características estejam no mesmo lugar. Às vezes vejo como confundo tudo e traio tudo o que vivi antes. E é como se esquecer os passos que dei me deixasse mais infeliz, me deixasse até mesmo mais burra. Mas não posso me esquecer do que já vivi, do que já está dentro de mim. E espero que volte a acontecer, eu O procuro, olho as pessoas esperando que volte a aparecer aquele olhar, que voltem a aparecer aqueles olhos que eu não trocaria por nada no mundo, aqueles olhos que me tornam consciente de que existo por um motivo, que me amam mesmo se não sei nada. Espero vê-lo em cada pessoa que encontro, e às vezes inconscientemente olho para o rosto de todo mundo, até dos desconhecidos, para ver se encontro algo d’Ele, algo próprio d’Ele, que me faça voltar a ver que existe, e existe para mim. Porque muitas vezes a vida, a minha vida, é mais inquieta, até dolorosa, desde quando O encontrei, mas é também algo mais: é viva. É como se Ele fosse a nascente da minha vida: eu estava morta e agora vivo».

(Carta citada em J. Carrón, *Eis que faço uma coisa nova: não a percebeis?*, Encarte de *Passos*, n. 7/2018, pp. 53-55)